

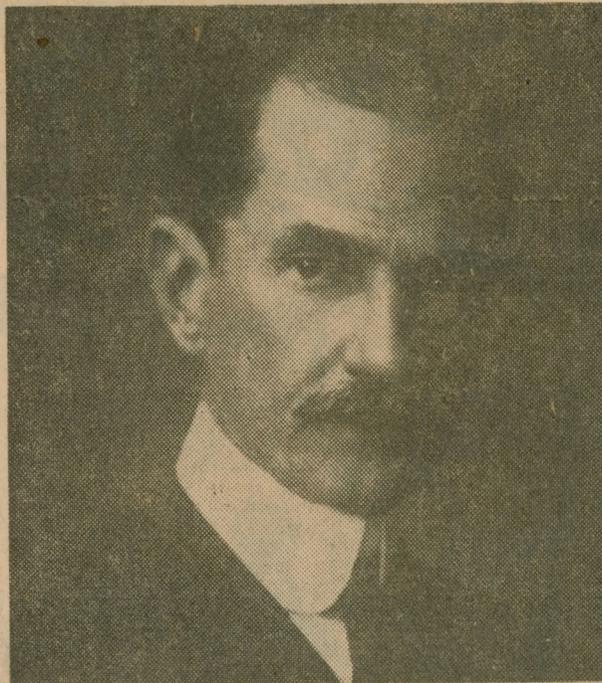
O fundador EDMUNDO BITTENCOURT

Fôra órfão de pai desde seis anos e arrimo de família na adolescência e na juventude, quando não passava de simples copista forense, o homem que ficou reconhecido como uma das maiores vocações jornalísticas já havidas no Brasil e que lançou o primeiro jornal economicamente independente do país, "a publicação que nascia já com a autoridade e o prestígio de um quarto Poder de Estado", na expressão atribuída a Quintino Bocayuva. Edmundo Bittencourt, esse "self-made man" que nasceu em Santa Maria da Bôca do Monte, Rio Grande do Sul, em 5 de fevereiro de 1866, com seu *Correio da Manhã*, que fundou em ... 15-6-1901, e a cuja frente esteve durante 27 anos, fez no entanto mais que a prosperidade de uma empresa: surpreendeu e impressionou os hábitos políticos, dando colorido novo e uma sensação inédita ao tom cotidiano da Capital com reflexos por todo o interior, ficando o seu nome definitivamente ligado à história da vida brasileira na primeira metade deste século. Foi sem dúvida o introdutor, no Brasil, do estilo moderno de imprensa.

Na vida forense, a princípio como simples funcionário — chegou a Amanuense, por concurso em 1886, em Porto Alegre — depois como advogado, parece ter exercitado a dialética de sua pena, uma das mais dotadas à polémica entre nós. Ainda na Capital gaúcha, 1887, como articulista de "A Reforma", foi saudado com entusiasmo por Silveira Martins, aquele que era — o próprio Edmundo Bittencourt disse — "o grande culto de minha mocidade", "durante toda a minha vida, tanto na advocacia, como na imprensa, ele é o modelo de civismo, de honradez, e de coragem que tenho em meu caminho".

Em 1888 transferiu-se para Campinas, onde trabalhou no "Colégio Culto à Ciência" e, em 1889, veio para o Rio, a trabalhar no "Banco da Lavoura e Comércio", de São Paulo, para cuja matriz foi transferido. Praticamente autôdida, só no ano de seu casamento com d. Amália Bittencourt, em 1890, ingressaria na Faculdade de Direito do Rio, a conselho de Rui Barbosa e Sancho Pimentel, em cujo escritório de advocacia começava a trabalhar como solicitador. Já então colaborava na imprensa oposicionista da Capital, notadamente em "A Imprensa", de Rui Barbosa.

A marca pessoal de Edmundo Bittencourt, todavia, só se mostraria em toda sua plenitude quando ele fundou o *Correio da Manhã*, no primeiro ano do século XX — jornal cujo programa, cumprido à risca, seria o descompromisso político-partidário e o empenho em grandes campanhas e na mais severa fiscalização de todos os governos. Desde



então o destino do jornal e do seu fundador seriam um só, a personalidade de ambos se harmonizavam numa fisionomia inconfundível. Nos julgamentos da pena de Edmundo Bittencourt, vibrante e arrebatada, refletia-se um temperamento que se comprazia nos choques violentos das opiniões e das idéias. Mas também já se disse que a paixão com que se entregou às lutas de imprensa decorria não só de seu temperamento, como também de certo quixotismo de que necessita o culto do direito e da verdade, que nele era inelutável — a sua verdadeira razão de ser.

A vocação de jurista, que também a havia nesse homem que pertencia mais à imprensa que a si mesmo, está expressa no livro que escreveu, "Projeto de Reforma da Lei de Falências". Girando toda a sua vida em torno e em função de fatos políticos, e de políticos militantes, renunciou aos mais tentadores cargos e ambições fáceis de se concretizarem: em 1933 recusa sua candidatura a deputado, proposta pelo então governador revolucionário do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, e, mais tarde, rejeita o convite para ser prefeito de Teresópolis, formulado pelo então interventor fluminense Amaral Peixoto.

Na fundação do *Correio da Manhã* contou com a solidariedade e colaboração valiosa de dois nomes ilustres: Manuel Victorino e Leão Velloso (Gil Vidal). Ambos e mais Vicente Piragibe foram os seus companheiros da primeira hora, para pôr nas ruas um jornal vibrante, moderno, cheio de vida e entusiasmo. Tem-se agora noção exata do poder de sedução e prestígio que o talento de Edmundo Bittencourt irradiava quando se pensa no grupo numeroso de escritores brilhantes, identifica-

dos e consagrados no país inteiro, que foi abrigar-se dentro do novo jornal.

Durante quase quinze anos, na imprensa diária, Edmundo Bittencourt combateu os processos de política partidária do todo-poderoso Pinheiro Machado. Dêle divergiu, atacando-o desassombradamente, nos governos de Campos Salles, Rodrigues Alves, Affonso Penna, Hermes da Fonseca e início do período Wenceslau Braz. Pinheiro Machado, que além de potentado político era exímio atirador, desafiou-o para um duelo a pistolas, e do qual Edmundo Bittencourt saiu ferido com certa gravidade.

Sempre divorciado do poder, o jornalista — o Lidador, como o chama Múcio Leão — não hesitava também nas críticas às figuras de grande popularidade, como ocorreu ao divergir de Oswaldo Cruz, Pereira Passos e Rio Branco, esses três grandes brasileiros em quem, no entanto, Edmundo Bittencourt reconhecia o mérito de terem prestado grandes serviços à Nação. Não reconheceu, porém, a Rodrigues Alves o direito de indicar o seu sucessor. Os seus princípios de democracia liberal levaram-no a lutar contra qualquer forma de mandonismo. Opôs-se à candidatura de Bernardino de Campos, que lhe parecia uma imposição ao povo.

Havia nele uma grande esperança, esperança violenta, áspera, apaixonada. Generoso, profundamente humano em seus gestos não raro arrebatados, estava sempre a abrir créditos de confiança. Recendo o governo de Affonso Penna numa expectativa de simpatias, agiu no sentido de libertá-lo das influências de Pinheiro Machado. Entre 1909 e 1910, a política no Brasil teve abalos tremendos. Bittencourt fez do *Correio da*

Manhã o órgão por excelência do civilismo, contra o militarismo, e entrou na campanha com o ardor e a bravura de que era capaz. A polícia política de Hermes da Fonseca deteve-o, no estado de sítio, e um sobrinho/desse presidente da República atentou contra sua vida, num restaurante no centro da cidade, ferindo-o no pulso, a bala.

O primeiro ano do governo Bernardes decorreu agitado e causador de inquietações, sob o regime de estado de sítio. Mas Bittencourt era desses raros que se comprazem em viver perigosamente. Assim, fez ouvir sua voz, quando, no segundo ano do governo Bernardes, com as garantias constitucionais suspensas e a imprensa sob o guante da mais rigorosa censura, em 5 de julho de 1924, novo movimento revolucionário (o primeiro fôra na mesma data, em 1922) explodia em São Paulo, com repercussão em quase todo o país. No Rio, refletiu-se na Marinha. Edmundo Bittencourt não participou do movimento. Mas, por coerência, deu-lhe solidariedade, apoiou-o como em 1922. Estêve em quartéis, incommunicável. Da Polícia Militar conseguiu evadir-se, indo exilar-se na Embaixada do Chile, onde redigiu longa e notável petição de *habeas corpus* dirigida ao Supremo Tribunal Federal, embora sem lograr a medida judicial requerida. Na primeira instância, no entanto, conseguiu, na 2.ª Vara, a manutenção de posse para que o *Correio da Manhã*, então com sede no Largo da Carioca e fechado já há oito meses pelo governo Bernardes, voltasse a circular.

Durante o tempo em que o jornal esteve interdito, pagou os salários e vencimentos dos seus auxiliares que viviam exclusivamente do trabalho dedicado ao periódico. Pôsto em liberdade, e voltando a circular o *Correio da Manhã*, retirou-se para a Europa, de onde só regressou ao Rio quando já se achava no governo o sr. Washington Luís.

De Washington Luís, sustentáculo de Bernardes, também divergiu, mas apoiou sua atitude quando se negou a comprometer o Tesouro Federal em mais uma aventura da valorização do café. Combateu a indicação de Washington Luís pelo próprio Washington Luís, dentro da linha de coerência que se traçara.

Desde junho de 1901 até o fim de 1928 esteve a serviço exclusivo do *Correio da Manhã*. Foi a sua alma, a sua energia propulsora, o seu idealismo. Os diretores que passaram pela fôlha cumpriram sempre as diretrizes por ele fixadas. Com seus conhecimentos da vida cultural, política e administrativa do país, somados a uma sólida experiência de vida e trato com homens públicos, Edmundo Bittencourt firmava um presti-

gio que escritores chamados ao seu convívio proclamavam. A sua devoção à obra de revolucionar a imprensa brasileira no comêço do século foi ininterrupta. Em 1928, já com 62 anos, cedeu o jornal, por venda, a seu único filho e sucessor, Paulo Bittencourt, mas continuou — são palavras do novo proprietário — como que o chefe moral do **Correio da Manhã**. Retirado em sua residência de Teresópolis, sempre que descia ao Rio não deixava nunca de visitar o **Correio** e palestrar com seus antigos auxiliares, aconselhando-os, com sua experiência e seu saber.

Embora já afastado das atividades jornalísticas, não foi indiferente ao movimento revolucionário de 1930. Ao contrário: deu-lhe o seu apoio, embora tenha se desencantado com os primeiros atos do governo revolucionário. Ainda escreveu, sob pseudônimo de Tenente Panglos, alguns artigos de análise crítica. Depois, retornou ao seu recolhimento, donde só saiu — afora suas viagens habituais ao Rio — para, em 1935, ir ao Rio Grande do Sul, como hóspede do governo do Estado, participar das comemorações centenárias da Revolução Farroupilha. Foi quando reviu a fazenda em que nasceu, próxima à cidade de Santa Maria da Bôca do Monte.

Nos últimos anos de existência, agravaram-se-lhe os padecimentos físicos, que o levavam constantemente ao leito. Nessa ocasião foi vítima de grave acidente de atropelamento por bonde. Dedicou-se, desde então, mais à família, amigos e obras filantrópicas. Em 1940 celebrou com sua esposa d. Amália, as bodas de ouro, na Igreja da Imaculada Conceição, cheia de amigos e admiradores.

O falecimento de Edmundo Bittencourt ocorreu no dia 6-10-1943, às 5 horas da manhã, na Casa de Saúde São Sebastião, onde fôra operado. A sua vida imensa foi perma-

nente e aceso libelo contra a violência, a injustiça e tôdas as negações do Direito e da Civilização, empenhado sempre em grandes polémicas, em memoráveis batalhas cívicas. Dêle se disse que foi jornalista acima de tudo, ao feitio de Rochefort e Clemenceau. Implacável na fiscalização, insurgiu-se contra os desmandos, a inépcia, a incompetência, com acendrado espírito de justiça. Porque muito humano, errou às vêzes nos seus julgamentos, mas estava sempre pronto a reconhecê-lo cavalheirescamente, desde que o provassem. A sua vida confundeu-se com a própria história da I República, cujas lutas foram as suas: o seu drama foi o drama da consolidação do regime e de sua moralização. Ainda vivo, recebeu a consagração de seus pares e no recolhimento, ao fim da vida, tornou-se expressão simbólica do pensamento livre do Brasil. Com o passar dos anos, as paixões extintas, a pureza de seu idealismo pode ser melhor apreciada: um homem legendário, que impõe respeito e admiração. Podendo ter ocupado, se quisesse, as mais sedutoras posições políticas e administrativas, não houve forças no país capazes de desmovê-lo da orientação que se impôs.

Depoimentos aparecidos na imprensa, logo após a sua morte, e partidos de pessoas — principalmente escritores — que com êle privaram, dão-nos o retrato de um homem cordato, compreensivo, extremamente fidalgo e bom nos seus atos cotidianos. De grande dignidade para êle era o sentimento de gratidão. Após seu falecimento, durante um mês jornais abriram colunas para dedicar a êsse alto padrão de jornalista brasileiro editoriais e artigos de colaboradores, expressando sempre a beleza moral de combatente que, se pecados teve, não teve nunca o de pedir perdão quando se julgava no caminho certo.